Com a pintura denunciei o colonialismo agora mobilizo o povo

— diz Mankeu Mahumana, conhecido pintor moçambicano

Dom. 22/Jan/84

Para mim, a pintura é o espelho da vida do nosso Povo. Na pintura, eu exteriorizo os sentimentos do meu Povo; gosto de pintar a realidade. Com a minha arte denunciei o colonialismo. Agora instruo, mobilizo e, juntamente com os restantes moçambicanos, luto pelo desenvolvimento do País, pelo desenvolvimento da África. A minha inspiração é a Revolução — estas são as palavras de Mankeu, conhecido pintor moçambicano, que se define como **«um pintor realista, um pintor do Povo».**

Mankeu, ultimamente tem sido muito divulgado em desenhos e aguarelas amplamente reproduzidas em cartões de Boas-Festas, parecendo estar a especializar-se no género.

De seu nome completo, Mankeu Valente Mahumana, 49 anos, ele é um pintor sobejamente conhecido nos meios artísticos da terra. Começou a pintar muito cedo e muito cedo, também, descobriu que com a sua arte podia ajudar o Povo a lutar contra o explorador, pela libertação dos seus irmãos e pela sua própria.

Conforme as suas próprias palavras, a sua pintura constitui «o retrato vivo do Povo» a que ele pertence. Através da sua arte dá a conhecer os sentimentos do seu Povo. Como tal a sua inspiração, os seus temas **dependem fundamentalmente do meio sócio-político existente na altura.**

— No tempo colonial, os meus pincéis pintavam a escravatura que o meu Povo sofria, retratavam a nossa vida na altura. Nas minhas obras, sempre fui claro, embora os colonialistas não entendessem o significado dos monstros que pintava. Aliás, esse era um ponto a meu favor — declarou Mankeu, debruçando-se sobre a sua arte, **na era em que lutava contra o explorador.**

Mankeu acrescentou que durante a ocupação colonial, a sua pintura constituía **uma arma virada contra a exploração e era uma contribuição à luta que a FRELIMO travava nas zonas de combate.**

— Nesse tempo eu só pintava monstros, mas o colono não entendia o significado. Para mim e para o Povo, os monstros representavam a força que a Revolução contém, a determinação do Povo na Luta de Libertação — disse, mais adiante.

— Na época, para os colonialistas, Mankeu era apenas um fabricante de artigos de adorno; não tinha nenhuma posição social, muito menos política; era apenas o Mankeu-pintor de monstros — referiu o artista.

PINTO COM A NATURALIDADE COM QUE RESPIRO O AR

De carácter modesto e proferindo palavras entrecortadas com sorrisos esporádicos, Mankeu é casado com Alice Muamba, de quem tem oito filhos. Tem como habilitações literárias a 3.ª classe elementar, tirada na Escola Primária de Matalane,

«Sou um pintor realista»

onde descobriu a sua vocação para a pintura.

— Na escola era o melhor aluno em desenho e foi, então, que vi que tinha jeito para pintar. No princípio, foi muito difícil, pois não tive ajuda de ninguém — disse.

Afirmou que antes de se radicar definitivamente na cidade de Lourenço Marques, em 1971, vivia do campo, em Marracuene. Acrescentou que começou a interessar-se verdadeiramente pela pintura, em 1965, poucos anos depois de ter voltado das minas da África do Sul, onde permaneceu cerca de seis anos.

— Foi uma boa experiência para mim, tanto como pessoa como artista, pois a vida de mineiro deu-me inspiração para os meus primeiros quadros, que retratavam o sofrimento de quem vivia explorado — afirmou o nosso entrevistado.

Ele disse mais adiante que para além de ter enveredado pelo caminho da pintura foi cantor e, também, escultor, **profissão a que, dentro de pouco tempo, irei me dedicar novamente, embora saiba que isso prejudicará a pintura, pois para um pintor ser bom profissional tem que se dedicar apenas a pintar**, referiu.

— Eu pinto com a mesma naturalidade com que respiro o ar, pois sou e sempre fui um artista realista. Porque pinto o que me vem de dentro — afirmou o artista.

Um dos cartões encomendados a Mankeu pelo INC, em que o autor desenhou uma sessão de Cinema Móvel

NÃO SOU PINTOR COMERCIAL

Sobre o tipo de pintura que pratica Mankeu disse que não se considera um pintor comercial, mas sim, **pinto como quem desempenha uma outra profissão para o bem do País. Sou realista.**

— Se me perguntar porque é que eu vendo muito; porque é que em 1971 tive uma exposição em Londres e muitas outras em vários países, digo apenas que é pela qualidade do meu trabalho. Tanto mais que eu nunca comercializo uma obra sem antes ela ter atingido o que dela pretendo — acrescentou Mankeu Mahumana.

Falando em exposições, o nosso interlocutor afirmou que fez a primeira em 1968, (colectiva) e individual, em 1973, no Salão da Coop, **cujo director apoiou bastante os pintores negros, principalmente os que, como eu, frequentavam a Associação Africana.**

Relativamente aos pintores nacionais que mais gosta, e que foram da sua época, Mankeu citou Malangatana, Chichorro e Mutemba e afirmou que apenas gosta deles, **mas não os admiro, pois para eu poder admirar um artista, ele tem que ser excepcional.**

JUNTO COM O POVO PELO PROGRESSO DO PAÍS

Visto ter afirmado que a sua arte depende fundamentalmente, do estado em que se encontra a sociedade, Mankeu declarou que **agora que conquistamos a liberdade, nós, os pintores, estamos mais à vontade para pintar, e podemos estar mais unidos ao Povo, pelo progresso do País.**

— Com a minha arte, mobilizo a população, leva-a a pensar de uma forma mais correcta. Nos meus quadros, clamo pela libertação dos povos, pelo desenvolvimento individual e de todos — disse o artista.

Acrescentou que o seu maior desejo é poder ensinar a pintar aos mais novos, **pois o nosso País não pode depender só dos pintores velhos.** Adiantou que para a educação das pessoas, ele tem contribuído bastante **principalmente através dos murais que pinto, com a colaboração especial de Simbine, o meu companheiro inseparável.**

— Também é meu desejo poder participar em mais exposições internacionais, pois isso facilita-nos o contacto com outros pintores de categoria elevada, para além do facto de podermos mostrar, lá fora a realidade do nosso País — referiu, mais adiante.

A terminar, lamentou o facto de os pintores, actualmente não estarem unidos e não possuirem material de trabalho, tendo referido que eles têm vivido com base em material dos clientes, **o que não favorece o desenvolvimento de um pintor, pois quando não há cliente, não se trabalha.**

«Pinto com a mesma naturalidade com que respiro o ar»